

Os sonhos nunca são velhos, de João Melo

Luciana Brandão Leal*



João Melo é reconhecido escritor e poeta angolano. Nasceu em Luanda e possui formação acadêmica bastante diversificada: estudou Direito, em Coimbra (Portugal) e em Luanda (Angola); licenciou-se em Jornalismo, na Universidade Federal Fluminense, e é mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, as duas últimas são reconhecidas Universidades brasileiras.

Como jornalista, atuou em importantes veículos de comunicação, como a Rádio Nacional de Angola, o Jornal de Angola e a Agência Angola Press. Entre 2017 e 2019, ocupou a função de Ministro das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social de Angola. É membro fundador da União dos Escritores Angolanos e da Academia Angolana de Letras e Ciências Sociais de seu país.

Sua produção bibliográfica é diversa e é composta, até este momento, de vinte e

seis publicações, contando com livros de poesias, contos, ensaios e um romance. Possui edições lançadas em Angola, Portugal, Brasil, Estados Unidos, Cuba, Itália, Espanha, Reino Unido e Tunísia.

O escritor optou, a partir de 2020, por se dedicar exclusivamente à produção literária, permanecendo em trânsitos entre Angola, Portugal e Estados Unidos. No mês de maio de 2025, João Melo esteve no Brasil e participou de diversas atividades acadêmicas e literárias, divulgando seu último livro de poesias, publicado em 2024, cujo expressivo título *Os sonhos nunca são velhos* desafia e arrebatou, desde a capa, seus leitores.

Neste período em que esteve no País, João Melo integrou diversas atividades acadêmicas em renomadas Universidades e livrarias; participou, inicialmente, da FLIPOÇOS, em Poços de Caldas (MG), em seguida, esteve presente em conferências e nos lançamentos de seus livros em Brasília (DF), Goiânia (GO), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro e Niterói (RJ) e São Paulo (SP), em um curto período de tempo, mas extremamente profícuo para formação do público-leitor brasileiro. Nestes percursos, o autor realizou conferências sobre “literatura, história e política”, além de apresentar seus livros, especialmente o recém-lançado *Os Sonhos Nunca São*

Velhos, que integra a coleção *Infame Ruído* (São Paulo, 2024), apresentada por Anelito de Oliveira.

O título dessa obra do escritor angolano evoca, imediatamente, a bela música de Milton Nascimento e Lô Borges, compositores mineiros, que assinam “Clube da esquina nº 2”, um hino sobre a resistência e sobre o sonho/utopia como preponderantes na condição humana. Os versos de Milton e Lô ecoam: “Porque se chamavam homens / Também se chamavam sonhos / E sonhos não envelhecem...”.

Os “gases lacrimogêneos” de que tratam os poetas mineiros também perpassam o livro de João Melo, ressignificados em alusões a diversos conflitos / questões contemporâneas, em um processo de intertextualidade que acentua a proposta metapoética do livro. Afinal, como nos dizem os compositores mineiros: “De tudo se faz canção / E o coração na curva / De um rio, rio, rio, rio...”

O livro de João Melo é composto por quatro seções: “Abertura”, “Até que minhas palavras comecem a fazer sentido”, “O mundo não morrerá sem luta”, “A guerra não respeita a casa dos poetas”, em que a voz lírica se apresenta de forma multifacetada, elaborando e reelaborando a própria condição de ser poeta e o lugar da poesia no tempo/espço contemporâneo, com vieses metalinguísticos que provocam, no leitor, reflexões sobre seu próprio tempo e sobre diversos acontecimentos que tencionam o cenário político e social mundial.

Em prefácio ao livro – “A coragem de sonhar” –, Anelito de Oliveira ressalta a condição do poeta como um ser dissonante em meio às imposições instantâneas, tecnológicas e “algorítmicas”. O crítico ressalta que, nesta obra, especificamente, “o sonho se revela recorrentemente como referência de humanidade em contraponto aos pesadelos tantos a sacrificar africanos, asiáticos e latino-americanos, angolanos, palestinos e brasileiros” (Oliveira, 2024). Este é, coletivamente, “um estímulo à nossa sobrevivência” (Oliveira, 2024).

Na primeira seção, “Abertura”, a voz poética evoca a África e a condição de “ser africano”, perpassando diversas questões que vão desde o pertencimento até a elaboração poética em uma língua, a princípio, “estranha”, imposta, já que é a língua do colonizador. O poema “Africanos”, primeiro do livro, promove reflexões sobre o processo de colonização em territórios africanos e sobre diásporas forçadas pela Europa e pelas Américas: “Os nossos caminhos são tão antigos / como os caminhos da humanidade [...] Assim povoámos o mundo, / forjando povos, nações, culturas.” A voz poética desloca-se para a contemporaneidade para promover reflexões sobre os sessenta anos passados das lutas pela independência de países africanos de língua portuguesa, como Angola: “Sessenta anos depois, ainda culpamos o passado. / Continuamos presos ao espelho, / mas hesitamos sobre qual dos lados devemos de escolher.” (MELO, 2024, p. 15).

Em outro poema da seção “Abertura”, intitulado “Pessoa, Caetano e eu”, a voz lírica dialoga com outros poetas de língua portuguesa, questionando sua condição de homem colonizado e, portanto, obrigado a se expressar em uma língua que não é a sua própria: “A minha pátria não é / a língua portuguesa”. Em um gesto de resistência pós-colonial, evoca a canção “Língua”, de Caetano Veloso, cujos versos enunciam: “E

deixe os Portugais morrem à míngua / Minha pátria é minha língua”. (MELO, 2024, p. 19).

Na segunda seção do livro, intitulada “Até que as minhas palavras comecem a fazer sentido”, o enfoque metaliterário, já anunciado, prevalece na dicção do poeta. No poema “Para que escrevo?”, a pergunta é autocentrada, mas desdobra-se na percepção do leitor, como uma reflexão: “Para que / Por que leio poesias?”. As reflexões aí propostas extrapolam o duplo movimento autor/leitor, escrita/leitura, texto/experiência literária quando promovem uma reflexão sobre o tempo e o espaço contemporâneo: “Sim podeis perguntar para que serve a poesia nos dias que vivemos / em que os velhos fascistas assumem novas caras”. (MELO, 2024, p. 35). Esses versos são do poema “Relatório poético dos dias que vivemos”, em que os insistentes questionamentos prevalecem: “Sim para que serve a poesia / quando a perplexidade tomou conta do mundo” (MELO, 2024, p. 35). Embora o cenário apresentado seja inquietante e devastador, e as perguntas pareçam atormentar a voz lírica, conclui-se, que “a poesia resiste e resistirá”, já que:

Mais do que uma necessidade uma esperança
ou uma arma
a poesia é um estado de espírito
um dispositivo interno feroz e radical
sem o qual a humanidade simplesmente se extinguiria
de repente
e para sempre
como um definitivo cataclismo cósmico.
(2024: 36)

Dando continuidade às indagações que promovem o jogo do texto e intensificam o duplo movimento entre o eu lírico e o leitor de João Melo, a terceira seção, intitulada “Onde foi que nós erramos?”, apresenta cenas em poemas multifacetados, incluindo um poema em prosa. Nesta seção, os títulos são inquietações partilhadas, em alguns momentos a pergunta é direcionada ao leitor, como, por exemplo, “O que fazer com esta culpa?”. Prevalece o uso da primeira pessoa do plural, incorporando ações e resultados que são coletivos.

Por fim, definindo o lugar do poeta como um “lutador”, bem ao gosto de Drummond, a voz lírica assume um compromisso ético e estético, ao afirmar que “O mundo não morrerá sem luta”, e no poema “Juramento”, cuja estética retoma os preceitos concretistas, as palavras/versos dispersos no papel definem um propósito: “O mundo define sangra / quase / grita / Morrerá dizem / Mas não / sem luta”.

Este livro de João Melo, *Os sonhos nunca são velhos* (2024), é um convite metaliterário ao leitor, à reflexão e à problematização de diversas questões que perpassam o cenário político, econômico e social contemporâneos; mais que um convite à reflexão, é um apelo à resistência, uma convocação insistente às sutilezas. O lugar do poeta e da própria escrita literária são os eixos norteadores desta proposta, considerando-se que “o sonho”, “a utopia”, “a fantasia” e, especialmente, “a poesia” não envelhecem, já que são alicerces fundamentais para condição humana.

Pará de Minas, setembro de 2025.

Referências

MELO, João. *Os sonhos nunca são velhos*. São Paulo: Inmensa Editora, 2024 (Coleção Infame ruído).

OLIVEIRA, Anelito de. Apresentação. In.: MELO, João. *Os sonhos nunca são velhos*. São Paulo: Inmensa Editora, 2024 (Coleção Infame Ruído).

* Luciana Brandão Leal é Doutora em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC Minas. Atuou como investigadora visitante na Universidade de Lisboa, com bolsa CAPES de doutorado-sanduiche. Professora Adjunto II da Universidade Federal de Viçosa (atuando no *campus* Florestal). Coordena projetos de pesquisas “Poesia moçambicana do século XX” e “Corpo e territorialidade em Maureen Bisiliat e Marcel Gautherot”, ambos registrados na Universidade Federal de Viçosa (2020-2022). Membro do grupo de pesquisas GEED – Grupo de pesquisas em estéticas diaspóricas, coordenado pela profa. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca. Publicou, em 2019 e 2020, dez artigos em revistas acadêmicas nacionais e internacionais com estudos sobre poesias das literaturas de língua portuguesa, além de artigos sobre a obra de Machado de Assis. E-mail: luciana_brandao@hotmail.com